

A NARRAÇÃO ORAL E SEUS MÚLTIPLOS ENTRELAÇAMENTOS

VALÉRIA NEVES KROEFF MAYER
(UNISC)

A narração oral vem ganhando cada vez mais espaço, dentro e fora da escola. Talvez pela epidemia contemporânea do analfabetismo funcional, quem sabe pela necessidade humana de sentir-se conectado ao seu passado ou ainda, pela imperativa urgência de encontrar outros valores sociais. O mais provável é que todas essas razões estejam entrelaçadas. “Mais do que nunca, as crianças do mundo de hoje necessitam dessa experiência [da arte narrativa], por viverem constantemente em contato com uma grande quantidade de imagens, na maioria das vezes estereotipadas”, diz Regina Machado (2004, p. 29). Segundo a autora (Machado, 2004, p.33), “a atividade de contar histórias constitui-se numa experiência de relacionamento humano que tem uma qualidade única, insubstituível”. Nesta perspectiva, o ato de contar histórias é capaz de promover o encontro do humano com o humano (seus pares e sua essência). Para que esse encontro ocorra de modo significativo é preciso que o narrador e o seu parceiro de afetos (o ouvinte) estejam conectados em redes de conversação. Conversar, no contexto aqui tratado, é entendido a partir da perspectiva de Maturana (2004, p. 9-10), como “o resultado do entrelaçamento do emocionar com o linguajar”. Para Maturana (1998, p. 27), necessitamos de nosso cérebro para estar na linguagem, embora a linguagem não ocorra no cérebro, mas na relação que se estabelece com o outro. Esta relação com o outro é impossível de ser mensurada, embora o corpo manifeste uma dinâmica corporal que denota um estar atento na ação e na relação com ele. Nesta perspectiva, é possível verificar, a partir da análise de fotos de sessões de contação de histórias em distintos espaços, uma disposição corporal de quem participa e que lhe coloca numa dinâmica do afeto. Nestes momentos o corpo se expressa pelo movimento, pela tensão muscular, pelo sorriso, pelo brilho no olhar. Todas essas manifestações são maneiras de se vivenciar a história, colocando-se de modo afetivo e atento na ação narrada. Muitos mecanismos

cerebrais que nos colocam na disposição para o estar atento, para o aprendizado e para o emocionar-se são produzidos pelas mesmas estruturas encefálicas ou por áreas muito próximas e em relação. Assim sendo, não é por acaso que quando estamos mais mobilizados afetivamente para uma ação, conseguimos estar mais atentos e aprender mais com ela.

Palavras-chave: Narração oral. Contação de histórias. Neuroaprendizagem.